

NARDIM, Thaise Luciane. Exercícios de atenção: arte da performance como metodologia de pesquisa. Palmas: Universidade Federal do Tocantins. Universidade Federal do Tocantins; professora assistente. Universidade Estadual de Campinas; doutorado em Artes da Cena; Verônica Fabrini Machado de Almeida.

RESUMO

Este texto integra as reflexões desenvolvidas no contexto do projeto de pesquisa de doutoramento "Performances mediadoras para a emergência de poéticas do encontro". Em seu bojo, confronta a noção de atenção, conforme desenvolvida pela filósofa Simone Weil, com modos de exploração e torção do estado de atenção praticados na arte da performance. Balizando-se nas quatro dimensões da atenção identificadas na obra da autora e propostas por Alfredo Bosi, a saber, perseverança, despojamento, trabalho e contradição, identifica em tais exercícios relações efetivas com o pensamento da filósofa, demonstrando como as práticas analisadas parecem efetivar suas proposições teóricas.

PALAVRAS-CHAVE: arte da performance; atenção; Simone Weil.

ABSTRACT

This text integrates the reflections developed in the context of the doctoral research project "mediating Performances for the emergence of poetic of the meeting." In its wake, confronts the notion of attention, as developed by the philosopher Simone Weil, with operating modes and twist the attention of state practiced in the art of performance. It marks up the four dimensions of care identified in the work of the author and proposals by Alfredo Bosi, namely, perseverance, stripping, work and contradiction, identifies in such exercises effective relations with the thought of the philosopher, demonstrating how the analyzed practices seem to carry their theoretical propositions.

KEYWORDS: attention; performance art; Simone Weil;

Fique atento
ao ritmo,
aos movimentos
do peixe no anzol.
Fique atento
às falas
das pessoas
que só dizem
o necessário.
Fique atento
aos sulcos
de sal
de sua face.
Fique atento
aos frutos tardios
que pendem
da memória.
Fique atento
às raízes

que se trançam
em seu coração.
A atenção:
forma natural
de oração¹.

Simone Weil foi uma filósofa e mística francesa, que viveu na Europa no início do século XX, entre 1909 e 1943. Crescida entre intelectuais agnósticos, aprendeu grego ainda aos quinze anos, tendo se tornado uma dedicada leitora dos pensadores antigos. Ainda na juventude, interessou-se pela militância política, trabalhou em fazendas e junto a grupos de operários, o que alcança o seu ápice quando, em 1934, Simone afasta-se da atuação docente em filosofia para trabalhar na linha de montagem de uma fábrica Renault. Em 1936 a pensadora junta-se à Guerra Civil Espanhola, em que atua no front de batalha. Sem obter muito sucesso na vida militar, para a qual não tinha nenhum preparo, ela retorna para a casa da família e passa a dedicar-se intensamente à leitura da metafísica e, em especial, dos grandes livros e doutrinas religiosos, tanto do ocidente quanto do oriente. Com isso, passa a debruçar-se em seus numerosos escritos à articulação entre a reflexão social de fundo anarquista e o pensamento sobre as disciplinas espirituais necessárias ao encontro da alma com Deus. Está então em questão em sua produção a necessidade da liberdade no trabalho operário, dado que a mecanização da linha de produção e a racionalização do fazer dificultariam, por parte do trabalhador, o desenvolvimento da aptidão para refletir e, com isso, alcançar o que ela nomeia como verdade (Weil, 1996).

Para o ensejo deste texto, interessa-nos, em Simone Weil, aquilo que Alfredo Bosi chamou de sua “doutrina da atenção”, desenvolvida em seus últimos anos de vida, justamente na articulação entre as questões militantes e espirituais. Como sabemos, a atenção é uma qualidade de consciência sobre a qual debruçamo-nos com muita ênfase na formação e treinamento de atores-performers, dado que trata-se de uma habilidade essencial na atuação profissional nas artes da cena. Autores como Mustenberg (2004) e Donnellan (2011) dedicaram-se especificamente sobre esse tema em suas análises e metodologias, derivando suas reflexões das grandes pedagogias da cena. Neste texto, entretanto, a ênfase recai sobre a preparação e a realização em arte da performance. Pretendemos cotejar as quatro dimensões de atenção identificadas por Alfredo Bosi (1993) nos *Diários* de Simone Weil com as práticas em arte da performance que buscam torcer estados de atenção, pretendendo destacar, com isso, o caráter investigativo desse fazer artístico.

As quatro dimensões apontadas por Bosi, portanto, são: perseverança, despojamento, trabalho e contradição. Consideremos cada uma delas destacadamente:

A dimensão “perseverança”, na leitura de Bosi, diz respeito à resistência a que o exercício da atenção induz em relação à pressa e à multiplicação de tarefas imposta pela vida numa sociedade industrial. A atenção seria lenta e pausada, “como o respirar da ioga” (idem, *ibidem*). Com isso, a atenção é também marcada pela regularidade, pela persistência em seguir se afirmando. Seria esse caráter que garantiria ao atento observar todo e qualquer movimento de desenvolvimento de uma vida, identificando serenamente no corpo observado

tanto o processo que o conduziu até àquela forma quanto aquilo que ele está engendrando para conformar seu futuro.

A dimensão do despojamento dialoga com a moral religiosa que conhecemos por desapego. O estado de atenção praticaria o despojamento em duas medidas: primeiramente, o despojamento do ego, que possibilita a abertura efetiva para os objetos e fenômenos e, em decorrência direta desta primeira, o despojamento do foco, do tema, da escolha de um ponto sobre o qual dedicar-se, em detrimento dos demais. Assim como o sábio que não tem ideia, que não passa nada à frente e que não cessa de estar aberto a tudo por manter todas as coisas juntas (Jullien, 2000), o atento despoja-se de analisar, perspectivar, classificar e de refastelar-se em todas as categorizações que daí advém. Esta dimensão tem paralelos com o que Freud chamou de atenção flutuante na prática psicanalítica. Para este autor, a atenção consciente, voluntária e concentrada é o grande obstáculo à descoberta, devendo o analista “prestar igual atenção a tudo” e manter suspensas as “inclinações e expectativas do eu, que operariam uma seleção prévia” (Kastrup, 2010).

A dimensão do trabalho, assim como a do despojamento, tem também duplo caráter: a atenção em si é o trabalho da percepção, ao tempo em que o trabalho, quando livre, na relação com o atentar-se, facilita o desenvolvimento, por parte dos indivíduos, da aptidão para pensar. “A atenção é um olhar capaz de agir sobre a realidade” (Bosi, 2003).

Por fim, a quarta dimensão da atenção seria a contradição. Mais que uma qualidade do estar atento, a contradição seria uma condição do estar no mundo que se impõe sobre aquele que observa atentamente. “É a práxis conjugada de corpo e consciência que produz a percepção do contraditório” (Bosi, 1993, 85). É um critério do real, que se apresenta inevitavelmente quando deixamos a imaginação e a vida inconsciente e nos aplicamos à presença.

A produção contemporânea em arte da performance atesta um sem-número de trabalhos dedicados especificamente a investigar estados de atenção diferenciados dos habituais. As características da arte da performance enquanto linguagem, como a possibilidade de livre exploração do tempo e do espaço, fazem dela um campo privilegiado para esse gênero de experiência. Existem aqueles trabalhos que debruçam-se sobre estados alterados da percepção, variando conseqüentemente a atenção, através da agilidade, da vertigem, do excesso, da abundância – que seriam, conforme a crítica cultural, dinâmicas próprias de uma suposta arte pós-moderna. Entretanto, numerosos são aqueles que apresentam posturas críticas frente à saturação dos sentidos própria de nossos tempos e, com isso, dedicam-se a explorar estados de atenção aproximando-se das dimensões identificadas por Bosi em Weil.

Esses trabalhos propõem em sua experimentação e crítica, de modo geral, através do recurso à duração estendida, à repetição prolongada de uma mesma ação ou à utilização de movimentos extremamente lentos. São comuns as obras compostas por uma só ação, com utilização de poucos elementos plásticos e, ainda em generalização, a relação com o espectador/participante mantém traços de uma pedagogia, por vezes pela via do engajamento físico direto em uma

espécie de treinamento, por vezes revelado como uma expectativa, por parte do artista propositor, de que a experiência da fruição da obra proporcione um momento de aprendizagem que poderá ser estendido para a vida cotidiana.

Nessas experiências acerca da atenção, podemos identificar os elementos das quatro dimensões com as quais estamos operando, porém faz-se difícil categorizar as obras, enquadrando-as como relativas a uma ou outra dimensão – inclusive porque, mesmo na análise de Bosi, essas categorias mostram-se entrelaçadas e, por vezes, chegam a misturar-se. Com isso, optamos por apontar para algumas obras destacando nelas as categorias que tangencia, sem separá-las necessariamente.

Um artista cuja obra aproxima-se dessas experiências, e que debruçou-se continuamente sobre a noção de desapego, foi Allan Kaprow. Tal noção não aparecia em Kaprow como uma qualidade de atenção a priori, mas sim como um recurso composicional ou tema na elaboração dos roteiros de suas Atividades. Como se sabe, as Atividades de Kaprow eram ações artísticas participativas, elaboradas com fins pedagógicos mais ou menos enunciados, fins esses que seriam atingidos através do engajamento do coletivo de participantes nas ações previstas pelo artista. Com isso, ou seja, pela ativação do roteiro, o desapego deixa de ser exclusivamente uma temática disparadora e faz-se estado ou qualidade de atenção no participante. É o caso da ação *Leaving no footprints*, de 1981, em que o artista estimula os participantes a realizarem uma caminhada sobre a grama, deixando sobre ela as marcas de suas pegadas e, na sequência, realizar o trajeto inverso, levantando a grama amassada, desfazendo, assim, as marcas anteriores. Sob a influência da filosofia Zen, que tomou os Estados Unidos nos anos de 1950 e 1960 através da atuação intensiva do professor Shunryu Suzuki, Kaprow desenvolveu uma série de Atividades que podem ser tomadas como exercícios de uma pedagogia da atenção despojada.

No mesmo sentido, está o trabalho de José Fiadeiro e Alexandra Eugênio com o Método Operativo AND, diretamente influenciado pela noção de não ter uma ideia. A partir dessa provocação, reformulada na questão “Como viver sem ideia e com o que há”, a dupla desenvolveu um jogo improvisacional em formato espiral, que consiste na obra em si, em que um grupo de pessoas deverá, a princípio, encontrar o jogo comum que se estabelece naquele contexto de realização e, a partir daí, seguir estabelecendo posições e relações improvisacionais provisórias, que possibilitam o viver junto dentro de um jogo que não procura formar-se em saber. (Eugênio e Fiadeiro, 2013).

A performer colombiana Maria Teresa Hincapié explorou estados de atenção em sua relação com o trabalho em sua obra *Punto de fuga*, de 1989. Nela, a artista permanecia instalada em uma sala do Museu de Arte da Universidade Nacional durante doze horas por dia, por três dias. Em cada uma dessas doze horas, a performer dedicava-se a tarefas domésticas comuns, como varrer, lavar roupas, lavar pratos etc., realizando cada ação em movimentos extremamente lentos, de modo a tomar todo o tempo disponível com essas realizações. Ralentando os serviços realizados cotidianamente em ritmo acelerado e com vistas à finalização tão breve quanto possível, a artista investigava em si estados de atenção passíveis de serem alcançados através do engajamento no trabalho doméstico,

ao mesmo tempo em que destaca, ao espectador, o seu oposto. Também evidencia-se a questão da atenção persistente, questão essa afim ao trabalho da performer mas que não influencia diretamente a percepção do espectador sobre a obra.

Essas obras apresentam como característica comum um caráter que ressoa a partir das categorias apresentadas por Weil: a investigação. Em todos esses trabalhos, a performance mostra-se como um processo de pesquisa, seja sobre si e seus modos de estar atento, seja sobre os objetos ou fenômenos com os quais se constrói. Essas obras nos levam a desconfiar de que atentar seja quase um sinônimo para investigar – afirmação da qual se aproximam diversos pensadores das metodologias cartográficas de pesquisa, como a já citada Kastrup (2010) e para a qual aponta Alfredo Bosi (op. cit.) em Simone Weil quando nos fala sobre o que seria sua “pedagogia do olhar”: o olhar atento quando repousado sobre um objeto, mantendo-se despojado e persistente, pode vislumbrar seus vários perfis, ao mesmo tempo em que permanece capaz de unificá-los, indo do uno ao múltiplo, do múltiplo ao uno – do universal ao subjetivo, e vice-versa.

À guisa de conclusão, cabe levantar, a partir do que foi apresentado, duas questões para o debate numa próxima oportunidade: 1) como poderá operar a arte da performance enquanto método de investigação em contexto estritamente acadêmico? 2) Dado que as qualidades da atenção, em Simone Weil, fundamentam as disciplinas espirituais para que se possa atingir a verdade – ou alcançar Deus – quais as relações possíveis entre a arte da performance que explora estados de atenção detida e a espiritualidade?

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In NOVAES, Adauto (Org.), *O olhar* (pp. 65-87). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

BOSI, Ecléa. A atenção em Simone Weil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 11-20, 2003.

DONNELLAN, Declan. *The actor and the target*. London: Theatre Communications Group, Inc., 2011.

EUGENIO, Fernanda; FIADEIRO, João. Jogo das perguntas: o modo operativo "AND" e o viver juntos sem ideias. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, Agosto de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922013000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 de novembro de 2014.

JULLIEN, François. *Um sábio não tem idéia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KASTRUP, Virgínia. Pista 2: o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Lílina da et KASTRUP, Virgínia (orgs). *Pistas do método da cartografia: Pesquisaintervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

MUNSTERBERG, Hugo. *The film: a psychological study*. New York: Dover Publications, 2004.

¹ Poema "Oração natural, do poeta mineiro Donizete Galvão. Publicado em seu quinto livro, *Mundo Mudo*, lançado pela Editora Nankin em 2003.